

## DA PADARIA ESPIRITUAL

WUODUC K: 'HIL. ARS. VI. 1140

Gerente—SABINO BAPTISTA

Fortaleza, 15 de Outubro de 1895.

NUM. 26

|                              |       |
|------------------------------|-------|
| Asignaturas por un trimestre | 28000 |
| Número avulso                | 500   |
| Pagos adelantados            |       |

Toda a correspondência deve ser dirigida ao nosso gerente, a rua do Major Facundo n. 4.—Ceará.

Na luta de combate dos que, aqui no Ceará, morream na afanosa labuta de escrever, nem se dá abrir um claro de todo o ponto impensável com o falheamento do malgrado poeta do *Volantes*, tão prematuramente roubado às Letras brasileiras e a nós, da *Palavra Espiritual*, de que era esse um justificado motivo de orgulho.

Elle foi, quanto a mim, nestes últimos annos, a mais completa convergência de póeta que floresceu no norte pois ninguém como elle possuia essa delicada sensibilidade artistica que o fazia versar as soltas, descompassadamente, numa allucinação incoercivel de valente.

Aos que não de vir, aos que fizeram no futuro a história literária da minha terra, eu deixo a tarefa de detalhadamente estudar a vibrante e original individualidade artística do meu infeliz onco, a mim só me compete deixar a profunda e sincera verdade da minha pena e admissão a não condicional e passiva em consagração ao meu onco artista, que no bello e regozessimo character do 1.º volume

Fernando Barreto nasceu na Fazenda dos Angicos, distrito de Bonessa, da comarca de Guama, neste Estado, a 08 de Fevereiro de 1870.

Forum sous prés. José Santos Bar-  
reto, p. Lillo, et D. Maccanelli,  
R. de la Harro.

Antes de começar a trabalhar em  
uma empresa, é importante que o novo colaborador  
seja informado sobre a cultura da empresa e sobre as  
normas de trabalho, para que possa se adaptar mais  
rapidamente ao ambiente de trabalho.

ses, país que luchas partidarias explotaban entre

Livio foi morar na cidade da Granja, onde chegou em 1878 e onde aprendeu com o professor Francisco Garcez dos Santos as primeiras letras.

Exigências de fortuna obrigando-o a ir, muito cedo, ainda e muito a contragosto, seu servir como carcereiro de um paciente, e, nesse ofício embutido de mercantilíssimo atleico, gastou ele a melhor parte de sua infância, incompreendido e anônimo.

Por esse tempo exercia um officio na magistratura da terra o Dr. Antonio Augusto de Vasconcelos, que soube aproveitar as suas excellentes qualidades de educador, ensinando a um punhado de rapazes esperancosos de Granja ligeiros conhecimentos de portuguez, geographia e francez.

O tempo que lhe sobrava da sua tarefa diária empregava a Lúvia ouvindo as histórias dos interessados da morte, histórias que, por serem não modadas às regras do convencionalismo, pouco importavam a sua andarenta imaginação de poeta, que então já se renovava energeticamente.

Desse grupo de rapazes, dos quais o mais novo era o Livinho, saiu a futura redação do *Livinho*, periódico literário redigido por Robert Teixeira, Luiz Felipe e José Barenho, e no qual revelou o Livinho sua capacidade de criação para as letras, publicando versos e escrevendo cronistas humorísticas.

desaparecendo a *tracema* e com elle  
quella fugaz florescencia litteraria,  
de-the pesando insistentemente a  
horrendidade daquella atrocidade *ocosa*  
e civilisada, e ao seu espirito sonhar  
e e phantasia se apresenton, muita  
luta e evidencia de contrastes e nem minor  
o outro, onde as suas grandes e belas  
ideias imaginativas pedessem livres  
e primas se desdobrassem livremente.

Foi a Pádua a terra escolhida para o segundo sítio, a 10 de Junho de 1888, empregando-se logo em seguida a haveria na Igreja Matriz da

Porque que o personagem com toda a certeza o malvado há de ser que ele não é a coisa do qual tem a intenção de se livrar imediatamente, ou não há a possibilidade de se livrar.

Enfim, entretanto, que, como uma  
de qualquer a maior parte das poe-  
sias portuguesas, o poema de Almeida  
está escrito com o coração de Almeida.  
O poema, portanto, é uma obra de

da sua orientação literária, 1971,  
e publicada e bem entendida.

A novidade da nostalgia e a saudade, que o torturavam, não pode resistir a triste e hermoso sentimentalismo do meu amigo, e a 7 de Agosto de 1901, muito doente de beriberi, regressou elle a terra natal, com a bagagem de alguns livros, um pouco de dinheiro e um ligamto irritado.

Foi então que muito intensamente, ao germinar-lhe na alma uma paixão antiga a que ele muitas vezes tentou embalde fugir e que o acompanhava a cada vez mais insistente até a sua morte.

— É a propósito, é bom que eu, — seu amigo e confidente, — o diga aqui, — toda a obra literária de Lúcio Barreto é mais ou menos o diário escrito dessa infeliz paixão que tão implacavelmente o atormentou, impressionando-o mais e mais, rubando-lhe a energia e desenhando-lhe sobre o rosto a noção da dor e da velhices.

Por esse tempo, aparecia em *Grêmio* um outro jornal literário, — *4 Letras*, dirigido por Antonio Raulino, e ao qual veio de novo prestar favor Barreto, a valia do seu concurso, publicando as « Versos a Stella », e muitos sonetos, e escrevendo ligeiras crônicas e humanísticas.

Por pouco tempo, se demorou a Fortaleza, de onde saiu a 14 de Fevereiro de 1892, para fugir a impetuosidade brutal da sua inteligência perigosa, que a duras mãos se agarrava, e chegou à Fortaleza na noite de 16 de Fevereiro, quando esta capital era um campo de batalha e as bombas das estrovas iam necessariamente, a caminho, pelos braços da Escola Militar.

Avendo scelto  $\lambda \in \mathbb{R}$ , tale che  $\lambda \neq 0$ , si può mettere a sua volta in evidenza, nella seconda

— E, como um peixe a vivo, contra o alvejante da morte, como um a publicar no *Leitor*, onde, fortissimamente, os de uma suave melancolia a que, certo, não era estranho, e se, por um longo da patria, elle amava a ridemente.

Foi em 1907 que aqui se criou a *Associação Espírita*, de que sou Levante, o primeiro dos fundadores.

Desgostoso e do ofício de Alcaide  
saiu a voltar para a Companhia em  
dia 27 de Junho de 1882, passando  
a cargo Alcaide para os seus  
estradiamentos, entregando a  
Pernambuco.

Lívio Barretto era um excellentíssimo pintador, e a esta vantagem deve elle não ter morrido, com aquelle marfuso de Periquara, cheio de abrolhos e furiosamente irritado.

Na praia, nã, sem dinheiro, a brutalidade daquella desgraça, na desolação daquella catastrophe, o meu pobre amigo sentiu-se infeliz e nessa formosíssima poesia — *Naufrago*, que elle escreveu deitado sobre a areia da praia sobre as erguidas todas as lagrimas, todas as amarguras daquella terrível noite.

Do naufrago não ponde elle salvar nem um só livro, — sua unica fortuna, — lá no fundo do mar se ficou o original inédito do poema que elle havia escripto no Para.

Em Julho, de novo voltou elle a Grãja, como guarda-livros da casa do Boaliqua & C.<sup>a</sup>, onde esteve até 6 de Fevereiro de 1893, quando mudou-se para Camocim, indo empregar-se na agencia da Companhia Maranhense de navegação a vapor.

Foi de lá que elle, a instancia de Dr. Waldemiro Cavalcanti, mandou para o prelo o seu livro — *Dolentes*, que um dia depois de sua morte foi entregue ao editor.

Do Camocim me escreveu elle a sua ultima carta, que eu recebi tres dias depois da sua morte, e da qual transparecia a immensa desolação que o machucava, o tedio atroz que consumia a sua ultima energia.

No ar, — dizia-me elle nessa carta, — passa uma tristeza molle de indolencia. Dir-se-hia que as coisas bocejam. O teu amigo entre tudo isto parece uma indolencia.

Foi na sua banca de trabalho, pelas 3 horas da tarde do dia 29 de Setembro que cahiu morto, fulminado por uma congestão cerebral, o meu querido e pobre amigo, esse excellentíssimo rapaz que era não somente um poeta novo, original e um artista emerito do verso, mas tambem um dos maiores talentos que eu tenho conhecido.

Lívio era magro, pequeno, altivamente petulante.

Tinha o olhar penetrante, sem vacillações, a fronte alta abahulada e uma pallidez baixa de hepatico.

Ria pouco e só entre amigos elle deixava por vezes transparecer a sua fina verve elegante, um bocadinho pessimista e epigrammatico.

Com o vulgo era sisudo, um tanto frio mesmo, com uns longos de bem entendido orgulho.

Usava cachemiras claras, chapéu de feltro alto, e fumava cachimbo, a noite embalsando-se rapidamente na rede, com um livro de versos nas mãos.

Eu não conheci ninguém que tivesse como o Lívio, em tão elevado grau, o talento de assimilação e da Forma; uma noite estivemos lendo o *Sô do Antonio Nobre* e no dia seguinte mandou-me elle um soneto, de uma concepção extranha e de uma forma torcida e vesga, moldado pelo escopo do decadismo e perfeitamente semelhante aos versos do poeta portuguez.

Essas produções, porém, elle não as considerava suas e rasgava-as.

Elle era, por indole extremamente pantheista; fallava do Sol de Setembro, dos Cravos brancos, dos Cajeneiros, da Canicula, do Amor; e a Dor, a Melancolia e o Tédio eram divindades vingadoras, contra as quaes elle rugia sempre na impotencia do não poder vencel-as.

Tinha por sua velha mãe e pelas irmãs o fetichismo idolatra de um crente e era amigo como bem ponde sabem sel-o.

Dorme, poeta, — meu amigo e meu irmão, — na tua pobre cova sob as areias brancas, mordidas pela furia do mar, que soluça noite e dia, melancolicamente, as suas tristezas e as suas maguas.

E tu, poeta, na paz eterna do Nirvana, no infinito nada que agora te cerca, nem ouviras, para consolo ten, a romaria impetuosa dos soluços arre-messados contra a terra pela tua mãe, pelas tuas irmãs, pelos teus amigos.

Adens.

9 de Setembro de 1895.

ARTHUR THEOPHILUS.

## A RECEPÇÃO

— Oh, Deus, Tudo Poderoso, —  
Disse o Ribas, ao chegar  
D'este exílio doloroso,  
Das felicidades ao lar:

« Campri, enfim, minha pena,  
Do meu desterro coltei...  
Mas uma linda avencua  
Entre os espinhos dei rei... »

« Um'alma irmã de minh'alma,  
Poeta de inspiração,  
Que tem do martyrio a palma  
Na rocha da ingratidão... »

« No meio de indifferentes,  
Qual flor em ermo areal,  
Cantando uns seus — DOLENTES  
Nenias ao morto ideal... »

« Nas frias terras da noite,  
As trevas do seu viver...  
Como, d'angustia no arido,  
Quem se deseja morrer! »

« Dai, pois, oh, Summa Bondade,  
Que tenha fim seu penar...  
Na lyra da Immensidade,  
Que co nha feliz cantar! »

E sorriu-se o Omnipotente,  
Deferindo a petição...  
Logo o Lívio, — de repente,  
Voa da terra praão... »

Xavier, Ribas, Peizota,  
Já cindos, em comissão,  
Com prazenteiro alcoroto, —  
Que todos Padres são... »

O leão para as Alturas...  
Desconhecidã amplitude!  
Quantas festas e centuras  
Na sua orpção... »

J. GALENO.

## LIVIO BARRETO

A patris cearense acaba de assistir angustiada e triste ao desaparecimento de um de seus mais directos filhos, o elegante e fecundo poeta Lívio Barretto.

Ah, como é justo esse pranto de mãe affectuosa!

Tanta vida, mocidade, talento, futuro gloria, tudo se exauriu num ai dorido que de subito foi abafado pela luge de um tumulo.

Pobre maninho! partira cantando alegre e forte em busca do ideal dessa felicidade terrena que a tantos tem atraído com as suas enganadoras fascinações e a morte o colheu na commoção da viagem.

Deixara-se para descansar a sombra da trágica Duhô-L'pas e foi desperta longe de nós nas regiões da desconfiança.

Dõe, dõe muito a separação eterna do ente querido!

Pronunciando o seu nome, o nome adorado d'aquelle que tanto amavamos, que deveras estremeriamos, que nos enchia de nobre orgulho ao assistir os seus triumphos de dia a dia mais brilhantes, com que não menos já se ufanavam as letras patrias, não sabemos o que escrever; nossos pensamentos confundem-se, dolorosas recordações nos assaltam, e profundamente emocionados pelo vacuo que se fez em torno de nós, pela saudade sempre viva, mais que cruciante que nos enche a alma, experimentamos toda a dor da triste realidade.

Nunca mais se ouvirá a melodia dos seus cantos, que tinham os arrebatamentos de musicas celestias que enlevam, seduzem, deliriam, embriagam de gozo, de deleite, de embevecimento, de esta si supremo; mas a fé que sua lembrança permanecerá sempre constante, forte, virão, immorredoura no santuario dos nossos corações.

Nelle perdeu a *Padaria Espiritual* um dos seus mais bellos ornamentos, a terra cearense um filho dignissimo e as letras um talento promettedor.

Eu, um dos fanaticos admiradores e companheiro nas lidas do pensamento, lamento-o com profundo sentimento de piedade por ter sido tão inexperadamente arrebatado ao nosso affecto, a nossa amizade, e a nossa convivência, a estima daquelles que tiveram a dita de o conhecer.

Eu o pranteio com as saudades de um irmão.

ANTONIO BEZERRA.

## Saudades

A MEMORIA DE LIVIO BARRETO

Venho juntar minha magua  
A' desolada colheita  
Que, com os olhos rasos d'agua,  
Hoje te pranteia a morte;

Venho cheio de transporte  
Chorar-te a campa esquecida,  
— Dizer-te: — sorriu-te a sorte  
Uma unica vez na vida!

S. B.





ramico da collocação dos pronomes pessoais, gritamos a pleno pulmão:

Viva a Êmpnase Viva o Ovidio! Viva a Harmonia!

E por falar em harmonia, falemos da *maîtrise* do Rayor.

O grande saúdo das sessões da Assembleia, onde durante alguns mezos do anno troveja patriotismo e a rhetorica legislativa, nem morre a composição de sentir no seu ambiente as vibrações da musica.

Toilettes encantadoras, como aves de radiosos plumagens, pousavam pelas bancadas, fraks elegantes se agrupavam por todos os lados, e no centro, sobre o estrado ex-presidencial, via-se o piano e o estajo dos violinos e as estantes das partituras.

Uma luz branca e viva alagava o salão; loques, paipitavam céleres; joias fulguravam; bocas sorriam para olhos distantes; rosas sangravam nas lapelas... e fora, através das gelosias, pompeavam-se trechos de paisagens—torres brancas, torres goticas, nesgas azuis do mar, seios brancos de dunas longinquas...

N'aquelle meio suggestivo, a gente sentia a alma aberta para o racio ideal dos sons, que dentro em pouco cantia dos labios dos cantores, das cordas do violino e do teclado do piano.

Era a primeira vez que ouviamos o Rayor depois do seu regresso da Italia, e com prazer notamos que a sua poderosa e sympathica voz esta agora mais doce, mais flexuosa, mais rica de tons medios, mais crystallina nos agudos, mais arcoetico nos graves.

Um grande tenor, capaz de agradar a um assignante das temporadas de Bayreuth, eis como nos chega Rayor da sua viagem a Italia.

Luiza Leonardo, que com elle cantou o dueto do *Guarany*, fez-o de novo com quanto o volume da sua voz nao seja consideravel, eia canta com graça, com alma e sobretudo com todos os preciosos da technica musical.

Castimarmos muito não a ter ouvido um solo de piano que eia toca maravilhosamente—si outro fosse o piano do concerto.

N'aquelle que que lá estava e em que o Vicente Gomes se por um miagre do seu talento conseguiu fazer com agrado os acompanhamentos—não desejavamos ouvir a insigne pianista.

Peret, Silva, Aboe e os demais auxiliares do Rayor timbraram em tornar a festa o encantador passatempo, que eia foi, e que deixou em todos os espiritos uma como estera luminosa de impressões gratas, de reminiscências alegres a polvinação de luz e cinzenta pasmaceira da nossa burguezissima vida provinciana.

E agora consintam que mude da tom e de pennas para fazer uma palavra do saudade a memoria querida de Livio Barretto, esse pobre poeta tão novo e tão talentoso, que a fatalidade, num gesto brusco e crudelissimo, impelliu para a viagem do tumulo sob um divio de lagrimas amigas.

Essa estrella, que tão superiormente brilhava na constellação dos nossos talentos, apazou-se dechocho para vir illuminar dolorosamente esse recanto negro

dos nossos corações, essa intima necropse onde guardamos piedosamente a memoria dos irmãos, que e dem nos combates da vida.

Desgraçada creança!

MOACYR JUREMA.

## Vorrei Morire

*Vorrei morire!... Enterrecida e doce canta uma voz terrissima e sentida, o eu flico-me a seismar, meiga querida, como se teu aquelle canto fosse*

*Vorrei morire!... Que vago som tristonho esse que a brisa rumorosa o vago transporta a longa e encantadora plaga onde habitamos, meu amor, em sonho...*

*Vorrei morire!... Que musica dolente essa que geme langorosamente acompanhando uma canção sonora...*

*Vorrei morire!... Purissima e suave lembra o gorgeio limpido de uma ave que vae trinando pelo azul em tora...*

(Das—*Vagas*)

Ceará—1895.

SARINO BAPTISTA.

## «Cartas Litterarias»

De todas as injustiças que o Sr. Caminha faz a *Fome* a que mais me doer e me revoltou mesmo foi a falta de verdade nas scenas que descreve.

Tenho consciencia do contrario; percorri os abarracamentos, ouvi com grande attenção e piedade as narrativas dos infelizes famintos e assim julguei ter photographado no meu livro, não todos os episodios d'essa angustiosa epoca, porém os que julguei mais extraordinarios sob o ponto de vista das misérias humanas.

Esse assumpto tratado por Alencar, Aluizio ou Guerra Junqueiro daria paginas admiráveis de estilo e verdade, diz o meu critico.

O meu amor proprio nunca cogitou de elevar-me as grandes alturas onde patam as aguias. Não foi a ambição de glórias, de renome que me fez escrever a historia da scena, mas a necessidade de deixar escriptas algumas informações d'esse tempo aos nossos posteris.

A minha envergadura é pequena para alar-me as cumeadas onde estão Alencar, Aluizio e Junqueiro, e sei que descrevendo a scena eia daria paginas de melhor estilo, de mais arte, porém de mais verdade a minha consciencia diz que não. Talvez mesmo os arroubos do genio os fizessim sacrificar a verdade das scenas a belleza da arte. Alencar cahira no lyrismo; Aluizio, como certos coleopteros, deixava sua pena embolgar-se somente nas podridões do corpo e na gangrena moral que corrompiam a população flagellada. O Guerra Junqueiro é «revera

um poema tão tragico que tocava ao maravilhoso.

O Sr. Caminha clausura dos amores de Edmundo com Carolina e da presença do P. Clemente, «insperada, sem a minima logica etc.»

Julga o meu critico assim porquissupõe que todos os padres, que assistiram a secca em Fortaleza e no sertão, eram da lotola d'aquelle padre sedecado da *Retirante* de Jos. do Partocimo.

O P. Clemente não é um typo maginário, Sr. Caminha, mas um personagem real que se atrou a luta com o flagello com uma sublime abnegação. Durante a varola passava os dias e as noites nos lazareto, e quantas vezes, para ouvir de confissão os moribundos, deitava-se no chão no lado d'elles supportando com raro estoicismo o fodor, que sahia d'aquelles infelizes apodrecendo em vida.

Foi nos lazareto, n'esses tremendos dias de luta que o P. Clemente conheceu o velho Freitas e Carolina. A dedicação da moça sortamep pelos pais desperçou a attenção do padre.

Interessou-se por ella e sabendo das intenções criminosas de Simão de Arruda fez-se o seu anjo da guarda.

Outro que fosse o romancista no dizer do Sr. Caminha, o autor da *Normalista*, por exemplo, a scena teria sido outra;—Carolina teria sido rapta e prostituida pelo padre etc, etc. A falta de logica na scena critica e porque, não entender do Sr. Caminha, um homem não pode dispensar protecção a uma mulher nova e bonita sem *arrière-pensée*.

Diz o meu critico a pag. 113:

«O romancista deve ser logico e coerente, qualidades estas que faltam ao operoso industrial.»

Estamos de perfeito accordo.

Na apreciação ligeira que fiz da «Normalista» notei falta de logica e de coherencia, mas provei isto a saciedade, emquanto que o meu critico limita-se a notar estes defeitos na *Fome*, porém sem provas.

Não é só dizer ex-cathedra: este livro não presta, este estilo é fronxo, esta scena é falsa; desde que a prova não acompanha a asserção, a critica deixa de ser judiciosa para ser banal, insensata.

Diz o Sr. Caminha a pag. 113:

«Aquelle accorard de Manuel de Freitas, no sertão, depois de uma luta inglória contra os rigores da secca, que começa forte, nada tem de verdadeiro.»

Agora um ligeiro laurar de olhos sobre os typos de emigrantes, Freitas da «Fome», e Mendonça da «Normalista».

O confronto é fastidioso, bem sei, para os que conhecem os dois romances, porém faz-se necessario nos que leram somente a «Fome» ou a «Normalista» e vice-versa.

Quando se declarou a secca de 1877 Manoel de Freitas era crendor no alto sertão e sua fortuna constava de gados, terras, escravos, joias e algum dinheiro.

Poucas semanas de sel abraçado bastaram para torrar os campos e seccar as fontes.

Freitas reuniu todos os elementos de que dispôs e arca contra o flagello. Arre encimbas, deita ruma aos rebeldes, mas baldados são os seus esforços, os gados emmagrecem, a fome e a peste os disimam de um modo assombroso! Conscio da grandeza do mal e da inutilidade de seus esforços abandona no flagello as poucas rezes, que restavam e trata de salvar-se com a família.

Nada mais possuía a não ser terras, seu valor no momento, escravos e algumas joias. Nem cogitava em abandonar o seu querido sertão.

O anno de 1878 estava próximo e com elle viria o inverno. Devia esperar a nova estação, mas para isso era preciso dinheiro e as obras de ouro que tinha vendido aos usurarios mas-tes, a 500 reis por quatro grammas de ouro de lei mal dariam para manter-se com a família durante uma quinzena.

Vendeu todas as joias para comprar farinha da meadiceira a mil reis o litro, excepto a Cruz do Santo Lenho.

Em um dia pela manhã pediu a mulher algum ouro para vender e Josepha trouxe-lhe o talismão da família.

Freitas correu tremulo e erectivo, e a filha, chegado até elle como herança de cinco gerações successivas. Beijou a sagrada reliquia, depois abriu os cofres do grosso cordão de ouro e fechou-os deixando o pequeno denário d'elle. Soara a hora extrema; o tempo das prostrações estava esgotado. Era preciso emigrar enquanto se travessia era praticavel; mas era também necessario viveres para a viagem e só havia para obtel-os a Cruz do Santo Lenho e os escravos, alguns bellos seus companheiros de infancia e os dedicados, seus auxiliares em quasi meio seculo de trabalhos!

Freitas estremeo espavorido diante da verdade tremenda, da mais angustiosa situação; ou morria de fome e a família ou vendia a Cruz e os cativos.

Recolheu-se um dia inteiro e levou a mulher com o espirito toda a fundura do enorme abismo, sentindo no coração estalar de agonia uma por uma suas fibras todas!

Quando subiu do horto tinham-se-lhe secado as lagrimas e o instinto da conservação lhe anestesiara a alma todos os sentimentos de piedade!

Estava trancada a sua linha de condão. Vendeu a Cruz, e mandou os escravos para a Fortaleza por um seu parente afim de serem vendidos.

O producto da ultima joia empregou e o viveres, dos quaes tirou uma parte para alimentarem dos cativos em viagem e o resto recolheu a despensa. Desde esse dia fez-se o dispensero.

Dividiu os geranos em trinta rações. Um mez e a prazo improrogavel para a volta do parente com o producto dos escravos.

Foi esse um dos períodos mais angustiosos da vida de Freitas. A mulher, inconsciente, extranhava-lhe o ar taciturno e a usura com que dava alimentação a família.

Por vezes espiou-lhe a mesquinha pondo migalhas debaixo de chova e trilha o silencio d'elle como resposta.

Da grandeza do anno de Freitas

dependia somente a salvação d'elle, de sua mulher e de seus filhos.

Esgotou-se o prazo e o parente não voltou de Fortaleza.

Freitas prorogou por mais quinze dias o tempo de espera.

Durante essa quinzena não morreram de fome porque foram soccorridos pelos poucos parentes, que estavam ao lugar.

Mas em breve esses recursos escasseariam, faltariam mesmo pois todos pretendiam sair.

Resolvida a partida para Fortaleza, Freitas uma manhã ordenou a sua mulher de um modo secco e austero que se preparasse com os filhos para emigrar. Não justifica a sua resolução, ordena e quer ser obediencia.

E esta scena que meu critico acha ridícula!

Ridícula era se Freitas, cuja responsabilidade era enorme, n'aquelle momento, chorasse, exclamasse, acovardando ainda mais a mulher, a filha moça e as crianças.

Diz o Sr. Caminha:

« Com que indifference o honrado pai de família, o velho Freitas profere aquellas palavras. Elle que amava tanto as suas terras, sua mulher e os seus filhos? »

O meu critico aprecia mal o sentimento que domava o coração do velho sertanejo no momento mais critico de sua desgraça: elle não era um indifferente, era um esquivo, era um forte...

Adiante diz o Sr. Adolpho:

« Eu, no caso d'elle se não perdesse o juizo antes de tomar qualquer resolução, esperaria mais, ainda mais, providenciaria com antecedencia afim de estar prompto a qualquer tempo, prevenindo-me para o que succedesse, e, ao resolver definitivamente abandonar o sertão com toda a sua inclemencia, com todas as suas desgraças, falia succumbido de dor, porque ali deixava enterradas as minhas esperanças, o meu suor e as lagrimas benditas de meus dias de felicidade. »

(Continúa.)

ROBERTO THEODORO.

## 12 de outubro

Tarde de outubro; as leves caravellas  
Em direcção ás bandos do occidente,  
Deslizam magestosas, brandamente,  
Soltas ao vento as alvejantes velas.

Vão devagar... impavidas e bellas!  
E sempre o mar sem fim, ora plangente  
E manso, ora agitado fortemente  
Pela furia melonha das procellas.

Oceano e céu, Colombo espera ainda  
Entanto, embaldo á superficie infinda  
Das aguas volve ansiosamente o olhar.

Quando o gageiro, de alegria louco,  
Tirita da gavia: Terra! E pouco a pouco  
Surge a terra longínqua á flor do mar.

ANTONIO DE CASTRO.

## Bibliographia

**BRASÕES POR H. LOPES.** — Acabamos de virar a ultima pagina deste livro, e todos os nossos nervos estão a vibrar deliciosamente.

E' que os dedos afilados e brancos da Musa de B. Lopes estiveram durante uma meia hora a nos deleitar o ouvido com as notas vivas de seu bandolim de princeza e de bohemia.

Espirito e delicado poeta o H. Lopes! Os *Brasões* poderiam deixar de trazer na capa o nome do auctor sem que ninguém lhes attribuisse falsa paternidade. Todo o verso que sahe da penna deste fino artista traz um cunho tão profundo e tão nido dos seus processos metricos que não se pode confundir com outros de quem quer que seja.

Não é pela id'a que B. Lopes se avantajasse e se distingue; os seus versos as vezes pecam mesmo pela falta de id'a. Exteriorista como Gautier e Banville, elle põe de parte as abstracções psychologicas, as cogitações moraes, para se comprazer na contemplação de bellas formas plasticas desnudadas, palpitantes ou revestidas de sedas e velludos, estrelladas de joias, adornadas de flores, tresdantes de aromas.

Seduzem-no particularmente os attivos custosos e elegantes, os costumes da alta roda, as cousas do *sport* e da galanteria.

*Incenso*, uma das suas mais trabalhosas e formosas composições, pode servir de caracteristico da sua *maneira* artistica. Imaginando-se um escandinavo principe janota, ecreta-se o poeta de um grupo de *tanistes* elegantes e a vida que então leva, entre a graça de nove ou dez mulheres de diversos paizes, elle não a descreve em versos de uma feitura finissima, esmaltados de imagens rutilas e sonorizados de rimas imprevistas e raras.

Lê-se B. Lopes e uma continua successão de surpresas como quem contempla as mutações de um caleidoscopio: as imagens e as rimas vão surgindo de chofer, qual mais caprichosa, qual mais deslumbrante.

Os *Brasões* são um desses livros cuja leitura ninguém pode interromper. Lida uma peça, desepasse ler a seguinte e mais uma e mais outra até esbarrar com o indice. Ah! chegando da vontade de ler esta ou aquella composição cujas bellezas mais nos encantaram.

E outra coisa, por mais que se esteja habituado a leitura mental, superprehende-se a gente a ler B. Lopes em voz alta, porque a riqueza de sua rima e a transcendente harmonia de seu metro precessem da vocalização para que resaltem mais vivamente e mais fundamente possam ser saboreadas.

Que delicia dizer-se um de seus versos em voz alta, como as primeiras linhas de uma canção, donde a grinta e clara, a temperança e a nota azuda de um *canario* deizes!

Ah, B. Lopes, momentaneamente deixa que um fanatismo do bello e sonoro verso te abraça e te penetre o alto prazer intell'ual, que lhe inspira a honra a lei.

tura dos seus versos — nobilíssimos  
braços que te farão figurar sobrancei-  
ramente entre a mais pura aristocrá-  
cia do talento!

M. J.

## «OS CHROMOS»

DE

Xavier de Castro

(CARTA ABERTA AO SABINO BAPTISTA)

Eu sempre tive para os singelos so-  
netinhos de Xavier de Castro, enei-  
mados pelo distico de *Chromos*, um  
louvor que era todo da alma, guardan-  
do commigo mesmo, como a espe-  
rança do vel-o um dia um poeta na-  
cional, na acceção mais lata da  
palavra.

Nacional elle o era e muito.

Em todos os seus *chromos*, expon-  
taneos, sem os apertões dos versos  
burilados até ao doctio, ha sempre  
um riso brinçalhão e franco, saltan-  
do em torno d'uma scena muito a  
recrear, apanhada ao natural.

E' esse, para mim, o seu principal  
valor.

Já Goethe, o grandioso poeta alle-  
mão, tinha avançado que a poesia  
antes de tudo devia ser humana e social,  
sem contudo abandonar o sentimento  
— *alma-mater*, — não o sentimento  
piégas ou hypocrita, soluçando agri-  
ras, que a imaginação ereou...

D'ahi a impossibilidade de o roman-  
tismo nos poder agradar, hoje em dia.

Assim parece ter comprehendido  
Xavier de Castro, entregando-se ao  
estudo dos costumes e prestando um  
bello serviço aos vindouros.

E' de uma visão facil, que apanha  
as saliências do quadro, tudo o que  
nos possa tocar de mais proximo a  
atenção, sem nunca se tornar aborre-  
cido, o que equivale a dizer que é pre-  
ciso e conciso.

As faulhas e as particularidades de  
uma vida tão simples e tão constante  
como a d'aquelles que andam delinea-  
dos nos graciosos versos de Xavier,  
— bem monotonas para um entrecor-  
do de romance natural á feição dos mais  
puros, que o podem ser todos os da  
força de *Pierre et Jean*, ou mesmo  
*Notre Cœur*, — têm um interesse e um  
encanto, um sabor á parte, um que de-  
fino e encantadamente agradável  
n'um *chromo d'après nature*, distico  
que Castro podia collocar sob os seus,  
sem medo de contestação.

Um observador que ande entresa-  
chando as suas impressões e que sa-  
ha passal-as tal qual as recebeu, é  
um pintor a delinear a curvatura ma-  
gem e olento de uma flor, o adelga-  
çado molle de uma saia esguia ou  
bamboleante, ferindo-nos tão de prom-  
pto os olhos como impressionando-  
nos o cerebro e convulsionando-nos  
a alma.

E por isso creio bastante na vida  
duradora das obras de Zola — que  
por si só constitue uma epocha, — do  
galante Guy de Maupassant, do singe-  
lo e encantador Alphonse Daudet  
e do frio e impassivel desecador

Paul Bourget; e quasi descreio da  
longevidade das de Loti, quando  
acordar o gosto pelo exotico, em que  
Bernardin de Saint-Pierre ja embau-  
lou deliciosamente a alma franceza  
como a universal...

Atraz d'elle, porém, cerrou-se a por-  
ta da posteridade: para esse genero.

E as artisticas obras de bijouteria  
que a florida e mimosa penna de Loti  
tem espalhado, hão de quebrar-se, não  
resistirão ao traquinas tempo, por isso  
que são de *bisquit*...

Continuando, direi que Castro por  
diversas circunstancias se me afigura  
um pintor: em primeiro porque só des-  
creve o que vê, servindo-se do local  
do acontecido, em segundo porque não  
perde as cores do que o impressiona  
e astraça como são, fazendo-nos palpi-  
tar as narinas, como si até o orgão do  
olfacto tivesse inteiro conhecimento do  
que se descreve...

Cada um dos *chromos* é um quadro  
da vida cretense, é um episodio traga-  
do em versos ligeiros, que revelam o  
menor esforço intellectual, si o houve.

Parece mesmo que cada um d'elles  
lhe brota da penna, como brotariam  
dos labios em uma occasião opportu-  
na qualquer, para essa creença concor-  
rendo até a rjeza de certos versos e  
a imperfeição de outros.

Não o condemno por isso, ainda  
que a minha opinião sobre a poesia  
moderna seja o casamento completo  
da idea larga com a forma escolhida,  
fina e admiravelmente trabalhada ocu-  
cultando, contudo, todo o qualquer  
esforço intellectual.

Mas se tornamos a exigir sempre isso  
para um *chromo* á feição dos de Cas-  
tro, era como si exigissemos para to-  
das as telas a mesma harmonia de co-  
res, o mesmo azul tranquillo de um céu  
extenso e silencioso, ou lavada de  
seintilhações fulvas de um ardente sol  
de verão.

De resto, eu penso como Guy de  
Maupassant, no magistral prefacio do  
seu romance *Pierre et Jean*, que uma  
vez que nós nos ponhamos no papel  
de criticos, a nossa escola outra não é  
do que a adoptada pelo auctor que  
criticamos.

Assim, só nos restará provar si o  
auctor sahio-se bem ou mal da sua em-  
preza, no vivo, sem deixar a menor  
dúvida.

No caso presente só temos que di-  
zer bem e muito bem.

Eu disse que os *Chromos* de Cas-  
tro, comquanto scenas, ou antes, por  
serem scenas apanhadas ao natural,  
não admittiam a bitola estreita da  
poetica moderna, cheia de exigencias  
a mais não haver o que exigir.

Para exemplificar passemos ligeira-  
mente a vista por sobre o *chromo*:

DEPOIS DO BANHO

O sol ha pouco surgira.  
Ella vinha do quintal  
Assustou-se mal o viro  
E occultou-se no avental...

De rosa de seda e neve  
Seu collo d'alvo frasco  
Moldadinho assim de leve  
Era em neblina a flor...

Elle lhe disse: — Que alvura...  
Nunca vi manha mais pura...  
Tanto amor... mais luz n'Aurora!

Ella nas murtas pisando  
Lhe disse rindo e corando:  
— Nem tem graça!... Va-se embora!

Quanta naturalidade! Quem conhe-  
ce a mulher nortista, aquella que vive  
a vida simples e encantadora dos ser-  
tiões, sabe quanto é natural essa res-  
posta, e o que de bregeira maliciosi-  
dade ella revela...

Isso enquanto á naturalidade da scen-  
na, mas enquanto á forma, ao sonet-  
tilho, não era sem algumas relutancias  
que qualquer um dos esmerilhadores  
das rimas havin de assignal-o, consi-  
derando que os da segunda quadra  
differem inteiramente dos da primeira.

Mas nem a todos os *chromos* de  
Castro podemos attribuir tal falta e aos  
que podemos fazel-o são em numero  
diminuto.

A qualidade inherente á todos e á  
naturalidade e a alegria saltitante e  
communiativa.

A linguagem de que se serve nos  
seus *chromos*, outra não é que a exi-  
gida pela verdade da scena e o que a  
muitos parecerá delecto, não é mais  
do que o muito amor que elle votava  
a tudo, que fosse sincero e real.

Mas a Morte é cruel e nada respeita:  
tem o poder absoluto da força que tri-  
umpho sobre tudo, demolidoramente.

Roubou a *Padaria Espiritual* um  
dos seus mais distinctos *padeiros*, des-  
falcendo o Brazil de um dos seus mais  
promettedores talentos.

Foi muito rude o golpe vibrado no  
coração dos *padeiros*, bem o sei, como  
o foi no coração de todos aquelles que  
se interessam pelo progresso intellec-  
tual da Patria.

Mas para gloria do nome do indito-  
so Xavier de Castro, meu caro Sabino,  
n'um lance de heroismo, não poupan-  
do sacrificios para hemdizer-lhe a me-  
moria, como o poeta

« Fazemos nectar divino  
D'essas gotinhas d'amaror,  
De cada gemido — um hymno  
De cada espunho — uma flor...

Do confrade etc.

MANOEL LOBATO.

Rio, — 25 — 8.º qh.

## O aroma e a cor da Rosa

A ANTONIO SALLES

Laura passejava, bella e radiante,  
Por entre flores, em manha radiosa.  
E o Cravo disse: «Que mulher formosa!»  
E a Violeta: «Como é tão galante!»

Laura saudou-as, grata e carinhosa,  
Com sorrisos de moça triumphante.  
Porem dissera: «E triste e revoltante  
Não ter perfume e não ter cor a Rosa»  
E uma esbondo, a bocea purpurina  
Exorou: «pequena coitadinha do Oriente  
Pondo-lhe um beijo. Tere-as uma a flor»

Depois, com duto espinho a branda e flos  
Epilou-me pouco... E o rubião queito  
surgiu na Rosa, lá deixando a cor...

VICTOR PRADO



## VIOLA

Viola, minha viola,  
Nas tuas cordas douradas  
Noite e dia toco e canto  
Cantigas apaixonadas.

E' meu destino a viola.  
Qual meu destino o cantar...  
Viola, minha viola,  
Viola que sabe amar.

Quando aponta a estrella d'alva  
O toque d'esta viola  
E' tão melgo, tão suave  
Que as dores d'alma consola.

E á noite quantos suspiros  
Em desafogo ao penar!...  
Viola, minha viola,  
Viola do suspirar.

Ai, quando largo o trabalho,  
Te reclinás no meu peito;  
Pois nas horas do romance  
E' elle sempre o teu leito...

E quantas, quantas carícias  
Esposa terna e leal!  
Viola, minha viola,  
Viola, não tens rival!

Si á festa vamos, que enlevo,  
Que delirio o mais ardente,  
Que ao povo todo enfebrecer...  
Quasi louca torna a gente!...

Ninguém nos vence no côco.  
Muito menos no balão...  
Viola, minha viola,  
Viola d'uma função!

Mas se as penas mo visitam,  
Quem vem curar-me o desgosto?  
Quem me alivia a saudade  
Do coração ao sol posto?

Quem meu espirito conforta  
Nas calmarias fataes?  
Viola, minha viola,  
Viola, tens dores ais!

Pois, quantas vezes na vida  
Tu me salvaste da morte...  
Pois, quantas vezes perdido  
Tu me apontaste o meu norte!

Quantos carinhos e mimos  
Que só eu posso entender!  
Viola, minha viola,  
Viola do meu viver!

Então, o minha viola,  
Ja não sorris prazenteira  
Que são horas de infortuna  
Quanta angustia verdadeira!

Como gemes e soluças,  
Quando soluço a carpir!  
Viola, minha viola,  
Viola do meu sentir!

E que segredos se escapam  
Do teu seio na toada,  
Como os perfumes do matto  
Ao despontar da alvorada...

O pranto rolla nas cordas  
Como os orvalhos na flor...  
Viola, minha viola,  
Viola do meu amor!

E por isso não te esqueço,  
Oh companheira querida,  
Que és a minha confidente,  
O meu consolo na vida!

Quando eu morrer q' me enterrem  
Contigo no frio chão!  
Viola, minha viola,  
Viola do coração!

(Da Lyca Cearense.)

JUVENAL GAERNE

## THEATRO

Continua a Companhia Vasconcellos & Silva a nos proporcionar boas e agradáveis noites de diversão com seus magníficos espectáculos. Sentimos que o espaço nos seja tão limitado e que não nos seja permitido tratar detalhadamente de todas as representações da quinzena, mas embora resumidamente vamos externar as impressões, que ellas nos deixaram.

Começaremos pela *Niniche*, opereta que já conhecíamos mas que foi para nós uma verdadeira surpresa. Nunca no Ceará o gracioso *vaudeville* teve tão cabal desempenho, que nos conste, e foi tão bem interpretado.

A Sra. Luiza Leonardo, uma das artistas mais conscienciosas, que têm pisado o palco do S. Luiz, teve um verdadeiro successo no papel de condessa de Cornsk.

Cremos meo que se a laureada Judic, que foi a creadora de *Niniche*, em cujo papel se celebrou, chegasse a ver a distincta e intell gente atriz brasileira interpretar com tanta alma e tanto vigor de expressão o difficil papel da celebre *Cocotte*, certamente havia de reconhecer n'ella uma nobre emula da sua extraordinaria criação.

Quem viu Leonardo na *Niniche* e depois na *Joanna Ferraz* ha de convir que ella não é uma artista vulgar, uma artista commun.

Sobre o valor litterario desta ultima peça devida a penna intelligente de Moreira de Vasconcellos muito teríamos a dizer se o espaço nos-a permitisse, deixamos porém de parte o valioso trabalho do auctor de *Tiradentes* para nos occuparmos de seu desempenho.

Todos os que foram ao S. Luiz voltaram convencidos de que a Sra. Luiza Leonardo dispõe de uma fina sensibilidade artistica e de uma poderosa força para o tragico e para o dramatico. E' admiravel a expressão que ella deu ao papel de adúltera vacillante entre a sedução e o remorso de praticar o crime.

De todos os papeis em que temos assistido a eximia actriz brasileira trabalho podemos dizer que *Joanna Ferraz* é a sua melhor criação.

Manda a sinceridade que destaque, mais aqui o nome de Sr. Peret, um dos artistas de mais futuro da Companhia. Quando ao Moreira de Vasconcellos e Silva seria oque dizer que se pos-

ram com uma correcção digna de qualquer elogio em ambos os espectáculos a que nos temos referido.

A espiituosa comedia de França Junior *Como se fazia um deputado* teve desempenho o mais completo possível. O mesmo succedeu com a *reprimenda dos Recolthos* e a representação do *Conde de Monte Christo*, drama de grande effeito e que está montado com muitissimo apparato, dispondo de um rico e opulento scenario do distincto scenographo e actor Eugenio de Azevedo. Toda a companhia trabou em agradar ao publico, que encheu literalmente o theatro, e a execução do apparatus drama tirado do emocionante romance de A. Dumas teve uma interpretação esplendida.

O Peret portou-se com uma correcção na altura dos maiores e mais francos applausos no difficil papel de *Abdo de Farias* e as Sras. Luiza Leonardo e Julia Goubert, Moreira de Vasconcellos, Silva, Tito, Azevedo e os demais artistas saíram-se perfeitamente bem.

Deixamos de parte a *reprimenda da Noite* para dizermos duas palavras sobre o *Diabo na Bonia* e a *Pastora de Iery*. Esta primeira peça é uma revista de costumes bahianos escripta com muito humor, com espirito fino e subtil.

De começo a fim correu a representação entre palmas e applausos, e toda a plateia esteve n'uma gargalhada continua.

Tanto Luiza Leonardo como Julia Goubert, Moreira de Vasconcellos, Peret, Silva Azevedo e outros artistas da companhia deram a mais completa interpretação aos muitos papeis que representaram, e a orchestra a cargo do Rayol esteve admiravel.

A mesma coisa podemos dizer da *Pastora de Iery* onde Luiza Leonardo mostrou mais uma vez o seu grande e bello talento artistico.

E' admiravel a expressão a força que ella dá ao papel de Alice no bem acabado drama d'Emery.

Para hoje está annunciado um variado e attrahente espectáculo em beneficio do distincto artista Tito Livio. Será levada a scena a comedia portugueza *O Garoto de Lisboa*, cujos intervallos serão preenchidos de monologos recitados pelos Srs. Peret e Azevedo e cançõetas cantadas pelo Sr. Abbo, tenor da Companhia.

Terminará o espectáculo com o duetto *Amor e Cantado* pelo Rayol e Luiza Leonardo, e isto é o bastante para imaginarmos a agradável noite que vamos ter hoje.

Fechamos estas ligeiras linhas com uma noticia agradável - Moreira de Vasconcellos tem bastante adiantado um esplendido drama lyrico, intitulado *Isorica*. Este moderno trabalho do operoso e incansavel auctor do *Tiradentes* e do *Joanna Ferraz* é de um grande effeito e de um alto valor, podemos garantir pela leitura a que assistimos do seu primeiro acto. Com muita felicidade transplantou Moreira de Vasconcellos para o seu drama todas as passagens mais interessantes da encantadora e poetica lenda do João de Alencar, passagens estas que o Rayol temornado de bonitos numero de musica.

Prepare-se o publico para applaudir mais esta peça do distincto actor actor brasileiro.

## PREPARADOS PHARMACEUTICOS

DE

A. GONZAGA

**ELIXIR ESTOMACAL E PILULAS DIGESTIVAS.** Unicos medicamentos do Ceará approvados pela Inspectoria de Hygiene do Brazil e premiados na grande Exposição Universal Colombiana de Chicago. São verdadeiros medicamentos contra as molestias do estomago:—Falta de appetite, fraqueza e dores de estomago, digestões difficeis, azias, flatulencia, pezo de cabeça, tonturas, enxaquecas, somnolencia depois da refeição, etc.

**PEITORAL DE JUCA, COMPOSTO.** O melhor medicamento contra as molestias do peito:—Bronchite chronica, tosses rebeldes, escarros de sangue, tísica, etc.

**XAROPE ANTI-NERVOSO.** E' de uma efficacia incontestavel em todas as exacerbações do systema nervoso:—Epilepsia, ataques hystericos, palpitações no coração, neurasthenia, vomitos das mulheres gravidas, e coqueluche, etc.

**QUINA GONZAGA OU VINHO DAS TRES QUINAS.** Poderoso tonico e febrifugo. Contra fraqueza geral, anemia, etc. Mui util como preservativo das febres intermitentes ou sezões e nas convalescenças.

**XAROPE DE IODORETO DE CALCIO E EXTRACTO DE NOGUEIRA.** Empregado com muita vantagem no começo da tuberculose, lymphatismo, chlorose, glandulas enfiadas e nas molestias de origem escrofulosa.

**XAROPE DE ESTIGMAS DE MILHO E BENZOATO DE LITHIO.** Medicamento muito efficaz contra affecções catarrhaes da bexiga, na lithiasis renal (calculi ou pedras), rheumatismo gottoso, e engurgitamentos.

**TINTURA DE SALSA PARRILHA COMPOSTA.** Purificador do sangue empregado com grandes resultados.

**GOTTAS ANTI ODONTALGICAS.** Contra dores de dentes, allivio certo, cura quasi sempre.

**INJECCÃO ANTI-BLENORRHAGICA.** Cura em pouco tempo blenorragias recentes ou chronicas.

**PÓS DENTRIFICOS.** Alvejam e conservam os dentes e perfumam a bocca.

**TINTA PARA MARCAR ROUPA.** Preta e indelevel.

Todos estes medicamentos achão-se a venda na pharmacia Gonzaga.

80—Rua do Major Facundo 80, Ceará.

## OLIVEIRA ROLA

Agente de

LEILÕES

Encarrega-se de vender mercadorias, moveis, terrenos, casas, etc., tudo em condições vantajosas.

20 Praça do Ferreira, 20

Telephone 28

## GRANDE LOJA DE JOIA

A MAIS ANTIGA DESTE ESTADO

**Joias** de ouro, brilhantes e pedras preciosas de todas as cores. **Relogios** de ouro, de prata e nickel, para alzeira, inglezes, americanos, suissos etc, etc, **Relogi** os prateados e barcos, despertadores de todos os preços. **Lunetaria** superior de vidraça e graduada (branca e de cores). Objectos para presentes: o mais chic e variado sortimento que se possa desejar.

Vendas garantidas, preços sem competencia.

Jacques Weil & C<sup>o</sup>

RUA DO MAIOR FACUNDO 70

## Estrella do Oriente

Este emporio de modas continúa a affirmar a sua já reconhecida superioridade, recebendo por todos os vapores tudo o que a industria europeia produz de **mais fino e mais elegante.** A «ESTRELLA DO ORIENTE» avanta-se pela esmerada escolha dos seus artigos os quaes não se confundem com as vulgaridades que infestam o nosso mercado.

Assim quem quizer um artigo de **hom gosto** não tem mais do que procurar a

«ESTRELLA DO ORIENTE»

52—Rua do Major Facundo—52

## Aguiar

Esta afamada e importante loja de modas acaba de receber as ultimas novidades que a elegancia parisiense tem inventado ultimamente.

Tudo o que ha de mais moderno em artigos de luxo acaba de chegar para este conhecido estabelecimento, onde a mais chic *demoiselle* e o mais exigente *dandy* encontrarão com que satisfazer os seus extravagantes caprichos, procurando o que precisam na **AGUIAR**.

69. RUA MAJOR FACUNDO 69

TYP. STUART—Rua Formosa n. 46.